

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--12 de Dezembro--1929

sempre  
**FIXE**  
**OS TOES**  
A SEMANAL

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**186**



sempre  
**fixe**  
semanário  
humorístico

Publicada por  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## Ao Genio de Eugenio de Castro



Enquanto Eugenio de Castro não é coroado de louros na praça publica, como sugeriu Silva Passos, «Sempre Fixe» segue os passos deste, coroado desde já e eminente artista—embora a lapis.



# Os ditos da semana



**A taluda** Vem, aí a taluda. Passa por nós na rua a toda a hora, persegue-nos, mete-se-nos na algibeira, na fita do chapéu, dentro do guarda-chuva, a tentar-nos, a exigir que a compreemos. E nós, com este mau sestro, que é pecha velha, voltamos-lhe as costas, desprezamo-la, porque o numero da sorte grande é como as mulheres: — a gente só fica com aquela que menos nos convem.

Ha-de ser assim este ano, porque já foi assim no ano passado, ha dois anos, ha trez, ha quatro, ha vinte, ha cem. Ha-de ser sempre assim, porque, neste mundo está tudo errado e a gente nem sequer ao menos tem a intelligencia de ir aprendendo com o tempo. O tempo passa e é como se não passasse. A experiencia não nos serve de nada. O tempo passa, diz a gente, mas vamos ficando com ele. Também a sorte grande passa, mas essa, ao contrario do tempo, não ficamos nós com ela. Está tudo errado.

Sorte grande, a verdadeira sorte grande, não existe, porque mesmo que se apanhe a taluda num bilhete inteiro, ha sempre que se descontar o dinheiro que se deu por ele. A unica sorte grande que ha é a da herança dum tio desconhecido que morre na America. Sorte, grande e de graça.

Mas, enfim, vamos a ver o que faz a roda...

ganas de ser também cavalo. Ali não falta nada, não esqueceu nada.

«Alimenta me e apaga a minha sede. Depois do trabalho e de um dia de canceira, dá-me asilo numa cavalariça assada.»

Ora veja o leitor se isto não é mesmo:

— Casa, cama, meza e roupa lavada. Ha muito ser humano que não gosa semelhantes regalias.

Veem depois as palavras meigas, a instrução («ensina-me a trabalhar») e a pensão de reforma («quando a idade me tornar traco ou invalido, não me condene a morrer de fome».)

Mas a prece ainda pede mais («não me cortes o rabo») que é uma especie de protesto contra a moda dos cabelos à *garçonne*. Efectivamente só os burros não compreende-

ram ainda as vantagens dos cabelos cortados.

E tudo aquilo é tão bem feito, tão a carácter e, especialmente tão sincero e tão sentido, que custa a crer que não tenha sido imaginado por um cavalo.

**Trocado** Uma das pessoas que acompanha a Roma o patriarca eleito de Lisboa é, segundo rezam os jornaes, o sr. dr. Josué Trocado.

Não sabemos a que vem tão meticoloso cuidado explicativo, porque é de supôr que o Santo Padre, logo á primeira vista, reconhecesse que aquele Josué não é o biblico Josué que fez parar o sol. Explicar que ele foi trocado por outro é um *trop de zêl*, que pode parecer desprimoroso ao Sacro Colegio e a Pio XI.

## Boletim meteorológico

Inventou-se agora uma nova terminologia para os boletins meteorológicos. Agora diz nos assim:

—O ciclone da oclusão retrozada está-se desfazendo, num minimo de 916 milibares, deslocando ao mesmo tempo, para leste, a frente oclusa.

Mantem-se a frente fria etc. Quere dizer, não ha febre, o que já é bom sinal.

A gente lê isto e fica satisfeito, porque não ha nada mais desagradavel de que um ciclone na frente oclusa e retrozada, ainda por cima complicado com uma pontinha de febre, puxando ao trovão e talvez aos ventos.

Quando assim é os astrónomos indicam o carvão de Belloc.

# João Grave



**Director da Biblioteca do Porto, grande escritor e um homem grave com quem não são permitidas brincadeiras humorísticas.**

**Domesticado** O sr. David da Silva, presidente da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, querendo dispôr da classe dos caixeiros como dos chouriços que vende na mercearia requereu ao Ministro das Finanças que aqueles fossem considerados domesticados, não lhes sendo applicavel a lei das 8 horas de trabalho.

Apretensão é claro foi indeliberada e o caixeirolabo e assanhado merceeiro é que ficou domesticado.

**A prece do cavalo** A Sociedade Protectora dos Animaes poz a circular a *prece do cavalo*, em linguagem de gente, em portuguez tão *pur sang*, que até custa a crer que uma cavalgadura seja capaz de zurrar uma coisa daquelas.

Quando se lê a oração, experimenta-se uma consolação tão grande que chega a dar

**Um morto vivo** Um S. Cosma com morreu um mendigo. Passava a vida a pedir mas esqueceu-se de pedir ao medico a sua certidão de obito. Como não havia certidão de obito, quere dizer, como não houvesse a certeza de que o morto morrera e ele se negasse obstinadamente a dar a sua palavra de honra de que estava morto, não se pode lavar o registo de obito. Não havendo registo de obito não ha morto logo, o morto não está morto.

Não come, não bebe, não fuma, não fala, não anda, não mexe, mas não é um cadaver, porque a primeira condição para haver um cadaver é que exista um papel a atesta-lo.

Pode o corpo estar coberto de vermes, pode decompôr-se fibra a fibra que, quando já fór apenas um esqueleto, ainda restará uma duvida.

Se se tratar dum homem que tenha bens de fortuna ninguem os herdará, porque acima da algidez cadaverica paira a certidão de obito.

É cruel. Mas ainda bem que assim é.

Se fosse permitido enterrar os cadaveres sem a certidão de obito e sem o respectivo registo, com a febre de traficancia que vac por esse mundo, já todos nós estaríamos a estas horas mortos e bem mortos e as nossas fortunas no cofre de tantos bandidos que conhecemos, apesar de gritarmos, furiosamente, do fundo da campa fria:

—Oh! seus patifes, olhem lá que nós estamos vivos.

Em compensação, todos os dias cruzamos na rua com muitos vivos que estão mortos.

# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»

HA por vezes artistas que fazem um «volte-face» ás peças que interpretam. Gira, por assim dizer, o «pivot» do entrecos. As atenções prendem-se sobre os seus trabalhos — bons ou maus — e tudo muda.

Lembramo-nos de que houve, ha anos, nam dos nossos palcos, um exemplo f'isante.

Determinado homem de teatro viu em Paris determinada comedia. Trouxe-a para Portugal e conseguiu fazê-la representar. A obra andava toda á volta dum personagem, o protagonista. Do desempenho foi encarregado o primeiro actor da companhia. Mas, na noite da «premiere», outro actor — alias tambem de grandes qualidades — consegue *crispalmar* o trabalho do protagonista. No final do 2.º acto, esse actor era aplaudidissimo e a peça, que teve uma grande carreira, tinha sido como que uma *carapuca* para o outro.

Esta succedendo o mesmo no Brasil com a companhia E. S. O seu exito tem sido grande. Todas as revistas tem agradado. Na nossa frente temos as criticas. Todas elogiosas. Mas... sentem-se o que dizemos atraz. Ha uma artista, que em Portugal ainda não é conhecida como devia, e que em terras de Santa Cruz agrada, mas agrada formidavelmente: B. C.

Os jornais tecem-lhe os maiores encomios e dedicam-lhe colunas inteiras de prosa elogiativa.

Chegam a chamar-lhe a «menina-moça de que fala Bernardim Ribeiro» e outras coisas mais.

Ao acaso, vamos dar alguns recortes das criticas. E' sempre consolador ver triumphar num país estranho um artista português. A B. C. merece, portanto, o destaque que vamos dar aos artigos que lhe dedicam os jornalistas-criticos do Rio de Janeiro.

«Mas justo e que se destaque dentre todos a actriz Beatriz Costa. Cada papel que vive e um novo triunfo que alcança pela naturalidade e graça com que encarna a personagem travessa ou ingenho. Ha as admiracoes que desperta nas criticas que vai animando. Sem ella, a companhia de Eva Stachino não estaria completa. De uma irradiante simpatia pessoal, pequena como uma creança, e como as creanças formos, sabendo contar as coisas com espirito e meiguice, prendendo-nos na tela dourada dos seus sorrisos, Beatriz Costa f'ora do palco e uma creatura encantadora. Tão encantadora que aqui só tem sabido fazer amizades e encantar pela sua arte, trefega e risinha e pelas suas qualidades d'intelligencia e de coração.»

Não se pode dizer mais. Devemos acrescentar que o artigo donde tiramos este trecho tem como titulo: «Companhia E. S.-B. C.» E' o maximo.

Doutro jornal, onde até se diz que V. S., no «Fado do Trólha», não foi aplaudido como merecia, respigamos este trecho:

«Beatriz Costa, em meia duzia de papéis, impõe-se á admiracao de todos pela muita vida que lhes empresta e feliz colorido. Poucas actrices conhecemos que cantem com malicia e graça o *couplet* como Beatriz, que dispõe, ainda, d' clarissima dicção. A «Torrada» é um exemplo disso. Seu numero com Santos Carvalho, a «Mulher Portuguesa e o Homem Francés», é um dos melhores da revista.»

Isto é, a mocidade e a alegria de B. C. são cantadas unanimemente. B. C., que já ha dois ou três anos havia regressado do Brasil com uma certa aurea, volta desta vez, absolutamente, com o nome feito. Já nesta pagina o haviamos dito. Era, em, dentro de pouco tempo, uma das nossas melhores actrices de revista. Dize-nos que tem apenas 21 anos. Acreditamos — como acreditamos sempre na idade que as mulheres dizem ter...



A nossa legenda é a do jornal «A Patria». Ela mostra bem o exito formidavel que tem alcançado a gentil artista no Rio de Janeiro:

«Uma magnifica caricatura da alegre «vedette», da Companhia Eva Stachino—Beatriz Costa, devido ao lapis de Kennedy.»

A «Prise» continua a dar que escrever... Agora é o jornal «O 28 de Maio» que se ocupa da tão falada peça, americana de nascimento e de nome francés... Ouçamo-lo:

«Consta que vai ser representada no Porto, pela companhia Alexandre-Ester Leão, em tradução, uma peça espanhola feita nos moldes da celebre e discutida «Prise» e nela inspirada...»

Tambem se afirma que uma outra companhia a levará brevemente em Lisboa. Mais um capitulo a acrescentar ao romance da «Prise»!!!

Já ha quem comenta: «A Prise... e os seus derivados!!!»

Acrescentaremos: a peça espanhola intitula-se «Han matado Don Juan» e é original de Frederico Oliver. O mais curioso é que esta peça foi representada no «Alcázar» de Madrid, em 4 de Outubro

deste ano, e «La arana de oro» («Prise»), de Orsler e Brentano, versão castelhana de Cadenas e Gutierrez-Roys, foi representada na mesma cidade, no «Teatro de la Zarzuela», na noite de 12 de Setembro deste ano, ou seja três semanas antes!

A peça «Han matado Don Juan» parece que vai ser representada entre nós com o titulo «A morte de D. João» — pobre Guerra Junqueiro!

Lembramos aos tradutores — parece que são dois — e ao empresario que, se esta fôr representada antes da outra, da verdadeira, devia chamar-se: «A morte da Prise»!!!

Marcelino Mesquita ressuscita... ainda bem. Diz-se que o T. N.

reabre as suas portas com «Os Peccaldas e Serias» e que a companhia E. B.-A. da C. se estreia no Porto com o «Envelhecer».

Alada é uma consideção levar este morto, pois que do montão dos dramaturgos vivos só o R. C. está a mexer... e a mexer com todos os cordeinhos na sua boneca e nos seus f'arolhos...

O E. B. deu em contar as pessoas que foram ver «A Primeira Noite». Parece que não tem nada que fazer. Quando da 20.ª representação, dizia:

«Entre, mas não da trada de movimento da bilheteira registada em 17.670 e numero de pessoas que foram á ver a representação da peça «A Primeira Noite».

Já em tempos contou as gargalhadas que o publico dava durante os três actos duma outra peça.

Pode-se chamar ao E. B. o empresario das boas e más... Se é que estão certas!

AQUELE critico substituto, mais conhecido pelo «Voroboff da rua das Chagas», continua a criticar as peças e das suas traducções com grande cuidado...

A prisão do «Brotas» foi a noite imprevista da semana teatral! O «Brotas» esteve a ferros da Justiça durante três horas... 180 minutos jazeu encostado as grades.

Agora vai ter ceda d' honraria.

Comeu por duas vezes: comeu a prisão e vai comer, tambem de barba, o que lhe oferecem os amigos e admiradores...

A cor verde é a cor preferida esta época nos teatros.

Foi a «Pluma Verde» e agora anuncia-se «As manas do chapéu da dita cor».

Tanto verde... Cheira a relva... e a relva é muito escorregadio...

HA dias, alguém, ao entrar num *restaurant* e vendo o L. P., filho, a cear, disse para o lado:

— Lá está ele a *cuidar do interior*...

Ao que responderam:

— Se ele, antes de *cuidar dele*, já tem aquelas costas e aquele corpo que Deus lhe deu, o que fará daqui em diante, com esses cuidados todos em *cuidar do interior*!!!

OS criticos — que se julgam numa situação critica — vão formar um sindicato, uma associação...

— O' diabo — dizia-nos um autor dramático — eles, um por um, já custavam a aturar, o que fará daqui em diante, unidos... E' fugir da nova selta... e Deus nos livre de cair nela. A'lerta, dramaturgos e gente de teatro, que o papdo organizou-se!

Ataliámos: — Papdo, disseste bem. As reuniões futuras serão feitas num amoo mensa... durante, é claro, c papar...

O Homem das 3 horas

# Consultas do Fixe

Na ansia de bem servir os nossos estimados leitores e a pedido de numerosas pessoas das nossas relações que, não desfazendo, são estupidas como uma porta, como um casal de botas do mesmo pé, vamos hoje inaugurar este consultório, onde todas as dúvidas se tiram. Seremos a benzina das noções da inteligência, a aspirina das dores do pensamento. Faremos a verdunização das águas da poeira humana.

Desde o Método João de Deus as mais intrincadas problemas da alta filologia terão sido resolvidos, solucionando com honra para ambas as partes e para a nossa língua que as vezes anda por aí perdida, sabese lá por onde.

Vamos começar pela primeira carta que recebemos, ainda desconfiados do Far West, dessa região de cowboys... Foi mesmo um cowboy português que ainda não entrou em fitas porque é muito metido consigo, e que namora agora uma rapariga também portuguesa, a quem quer escrever cartas empolgantes a ver se a convence. Já decorou o dicionário quasi todo, e escreveu perguntando pouco mais ou menos isto:

P. 1. Tenho encontrado no dicionário a palavra *quer* pedindo o favor de me dizer se é verbo, adjectivo ou interjeição — *Phu Chante*.

R. 1. Há opções. *Quer* é um verbo cujo presente do indicativo se conjuga desta maneira:

*Quo quer que, quito, quito, quito, quito.*  
Parece mentira mas é assim mesmo.

P. 2. *Pede* escrevesse de diversa maneira quando se trata do verbo pedir ou quando significa dar a luz?

*Uma aprendiz de mãe.*

R. 2. *Pede* mantém sempre a mesma escritura. Quando significa bom sucesso, leva em cima de a uma cruz, simbolo das parteras.

P. 3. Porque não as palavras extrinsecas levam a entes?

*Um anátole de boa letra.*

R. 3. O amigo eu e maluco em entes um anátole de boa letra. A extrinsecidade é uma sciencia concunstante, mesmo paradoxal; e a inversão mortua da probidade literaria. Dizer extrinsecidade é a mesma coisa que dizer estúpido, que é extrinsecidade também. Sabese lá porque. E o destino a porçunha as palavras extrinsecas, ponde-lhe o ferrete do acento, mancha reconhecida que as distingue das outras palavras. E por hoje basta.



— Já temos um «bar» no Corpo Santo, outro na Avenida e outro no Chiado. Tu vais ver que, dentro em pouco, a nossa Lisboa tem um grande movimento «birritim»...

## Algumas aneddotas ao acaso

Uma tarde, em Guinecey la Vitor Hugo a entrar em casa na companhia dum amigo, e um burro começou a zurrar *documente* e a olhar o escritor com olhos de quem quer pedir-lhe alguma coisa.

— Queira Deus — disse Vitor Hugo para o amigo — que não tenha sucedido nada em Paris!...

— Onde, Mestre?  
— Na Academia...  
— Mas porquê?  
— Porque este burro tem o ar de quem pede alguma coisa.

O amigo riu da brincadeira, mas alguns dias depois o correio de Paris trouxe a nova da morte de Barrante, um dos «Quarenta».

— Eu não lhe dizia — comentou Vitor Hugo.

\*\*\*

Alexandre Dumas, filho, jantava certo dia em casa do dr. Gistal, medico em Marselha, que lhe pediu escrevesse alguma coisa no seu album.

— Com todo o prazer, disse Dumas.  
E, tirando um lapis do bolso, escreveu:

*Depuis que le Dr. Gistal soigne des familles entieres on a demolit l'hôpital.*

— Lisongeiro — disse o medico, interrompendo-o.  
Mas Dumas continuou:  
*Et l'on a fait deux cemetieres.*

\*\*\*

Vista: D. João V certa vila do país. Diziam uns que se devia dar-lhe um presente de pinhas, outros de figos. Prevaleceu, por fim, esta opinião.

Quando o rei chegou, deram-lhe tantos figos que o Magnanimo perguntou se era fruta que lá na terra havia em abundancia.

— Tantas que até os damos aos porcos — retorquiu um, impensadamente.

Furioso, o rei atirou com os figos a cara de muitos habitantes da vila.

Um que fôra de opinião de que dessem figos ao rei comentava todo contentado:

— Olha se lhe temos dado pinhas?!

\*\*\*

Vecelencias não acreditam, naturalmente, mas diz assim um letrado afixado na W. C. duma leitaria da Baixa:

«Pede-se a fineza ás pessoas que frequentam este recinto, quando passarem a mão pelo rosto, de não esfregar a mão na parede.»

Agradece a direcção.

# CRONICA DOS Sobretudos

Este inverno, que promete ser um satânico, segundo os prognosticos mais que terríveis dos astrólogos, têm muita falta de abafos. E porquê? Porque o *Prego* tem levado toda a gente a pôr a cabeça debaixo do camarelho do *Retrocesso*. Antigamente já lá vão 29 anos! — toda a *netta* andava, sobretudo, vestida de sobretudos; hoje não, a mesma malta envelhecida anda de *corpo bem feito*.

É uma triste verdade. Quem anda bem vestido, actualmente, já esperando os rigores da invernia, do Boreas destemido, são os *papos-sicos*, os antigos *Adelantes* do senhor americanizado Alves Coelho. Estes, sim, de tanto andarem de papo para o ar, ficam *passados*, como as passas do Algarve. E para não serem presos mais curtos, segundo a autorizada opinião de Gualdino Gomes, eles abrem mais os olhos, sítios bem susceptíveis de cataratas, para terem o prazer de hipnotizar o *tronco indígena*.

Senão, vejamos; ainda há poucos dias o Sebastião de Carvalho e Melicas Doutras teve vontade, ao ver apedrejar as suas janelas de quarto, de aguar furtadas (um aviso ao sr. Carlos Pereira), de vestir uma *gabardine* e sair para o olho da rua. Para conseguir o seu fim, justificou um *neto*, pensando na teoria de Arquimedes: «Eureka».

E em soliloquio, disse:  
Eu tenho a *guitarra* no *Prego* — *Santo das Aflições!* — ao pé do *gubê?* de *Acario*, que faz *pendant* com o *sobretudo*, a este com a *capa de borralha* que está no lado da *troucheira*, para tomar a *deboza* na *capa* do sr. Albino Lapa e Fozaz de Saupano, a qual está encostada pelo *lado* do sr. de Alfredo Pimento. Pois bem; não desamparado nada e vou *desamparar* a missão de andar de *corpo bem feito*, e Stuart de Carvalhais, mas sem pernas a mostra...

E se bem o pensou melhor o fez o *bon* do Sebastião. Saiu a rua — e logo encontrou dois *pap's-sicos* orgulhosos e desengosamente agabardinhados, que o *tomaram* como *abafado*. Embriagou-se a *bon* do Sebastião, pois até se julgou coberto por um optimo *couvert-pieds*.

E, no dia seguinte, o nosso protagonista, sem mais pensar no *Prego* — o *Santo das Aflições* — appareceu todo ancho nas arterias da Baixa, todo *troupe-a-beirinha*, da *Sodoma Divulsada*, a proclamar a toda a gente que a sua sorte foi devida ao *Olho da Providencia*, em tempos levado com exito no teatro do *Gymnasio*.

E nunca mais pensou na solidariedade dos abafos...

lvinh9



— Antes de casarmos, dizias que eu era o teu sonho.  
— Pois sim... Mas agora é realidade.



— Duzentos escudos?! Por aquilo apenas pagarei vinte e cinco e está muito mais bem ornamentado...

# CRONICA DOS Tribunais

Na antiga capela do Torel, onde funciona o Tribunal dos Pequenos Delitos, respondeu um individuo de 19 anos, acusado de se entregar á vadiagem.

O juiz interroga o réu:  
— Sabe de que é acusado?  
— De ter a profissão de vadio!  
— Profissão?! Você, um rapaz de 19 anos, não tem vergonha de ser vadio e de viver do produto dos roubos?  
— Trabalhei como um mouro dos 11 até aos 12 anos.  
— E porque não continuou o trabalhar?  
— Como o meu trabalho não era remunerado convenientemente, resolvi aos 12 anos renunciar ao trabalho.  
— Pois bem. Vou condená-lo. Mando-o pôr a disposição do governo para você ir trabalhar para uma colónia penal...  
— Desde já declaro a V. EXA que não trabalharei.  
— Então vai para a Africa!  
Era mesmo isso que eu desejava, pois tenho ouvido dizer que em Africa é o branco que manda trabalhar o preto.

\*\*\*

Num dos tribunais de Berlim appareceu ha dias uma queixa de natureza matrimonial, completamente nova no foro.

Madame K. ha muitos anos que se dedica ao sport de natação, sendo socia dos mais importantes clubs da especialidade, frequentando-os assiduamente. Todos os dias se banhava em companhia de sororas de ambos os sexos, que tinham as mesmas ideias de legítima dos banhos e em quaisquer traços da praia.

O marido de madame K., que desde o seu matrimonio vivia com sua esposa como os peixes na agua, opôs-se firmemente a que ella continuasse a banhar-se publicamente sem fatos de banho. Madame K. não quiz atender as determinações de seu marido, do que resultou este intentar um processo, que teve o seu decurso no tribunal respectivo.

Em 5 deste mês, o tribunal tornou publico o seguinte accordo:

— Uma mulher casada tem absoluto direito de se banhar sem trajo de banho, desde que tenha autorização de seu esposo.

Como esta sentença habituava o marido de madame K. a divorciar-se, ella recorreu da sentença para o tribunal de apelação, alegando que não considerava nenhum acto immoral banhar-se em companhia de outras pessoas sem trajo de banho.

O que pensará a mulher portugueza da excentricidade das alemãs?



— Diga-me se ainda tem do vinho que me vendeu ontem.  
— Tenho sim, minha senhora.  
— Então diga-me onde posso encontrar vinho bom cá na rua.

## Uma companheira de viagem

Ella viajava sosinha. O seu vestido curto e transparente, a solidão do compartimento do *sud-express* e o exagero de modos com que cruzava a perna desafiavam o pobre mortal e impenitente pecador que o destino atirara para o seu lado, para ser o seu unico companheiro de viagem. Mediu-a de alto a baixo, demorando o olhar extasiado e cubitoso na perna mais deliciosa que os seus olhos do provinciano atônito jamais tinham visto.

E nunca mais arrancou de ali, de olhos postos naquellas escultóricas colunas movedeigas que iam tomando as mais indiscretas posições, cada vez mais tentadoras e irresistíveis. Com uma coqueteria que seria capaz de desconcertar o mais austero cidadão, a endiabrada rapariga prestava-se voluntariamente á admiração do companheiro e fa-istava-lhe mesmo a viagem de turismo que os seus olhos andavam fazendo desde o bico do sapato

a orla do vestido. De repente, com um risinho sardónico, interrompen ella o contemplativo silencio do mancebo:

— O cavalheiro está gostando de admirar as minhas meias... São bonitas e de muito boa qualidade. Ora veja que magnifica seda.

E acompanhava as suas palavras duns esticõesinhos dados nas meias com as pontas dos dedos, para demonstrar a elasticidade da malha.

— continuava com maliciosa vivacidade:

— E não têm canhões de algodão. E' tudo esplendida seda, como vê. Gosto delas sobretudo porque são de um comprimento desmedido. Chegam até onde se quizer.

E exemplificava.

Perplexo, arrelampado como um faminto a quem tivesse saído a sorte grande um vigesimo aclado na rua, o feliz provinciano nem podia articular palavra. Sorria comprometido, engasgado, sem que á boca lhe affluisse uma gota de saliva que lhe desentramelasse a lingua.

E a rapariga prosseguia sempre:

— E além de tudo, estas meias conformam muito bem a perna, não fazem rugas e seguram-se tão bem que — ora veja lá — eu uso as ligas largas e á vontade, o que é optimo para a saúde.

— Sim, efectivamente... — fez o rapaz a custo — são muito boas, muito bonitas e bem dignas das pernas que vestem.

— Acha? — retorquiu ella, com um sorriso diabolico, acrescentando: — O cavalheiro gostaria naturalmente agora de vêr o sitio onde eu fiz uma operação de apendicite...

O rapaz estremeceu. Ia o comboio atravessando a ponte do Mondego, de frente de Coimbra.

— Ah! decerto — fez elle, mas isso seria demasiada felicidade para mim.  
— Não sei porque — respondeu-lhe ella com desenvoltura. — Oh, foi acclá — e apontava pela janela — ao Hospital da Universidade...

## Elevador da Gloria

— Lisongeia-me muito, sr. Peres, com a oferta de casamento que tem a amabilidade de me fazer — disse a graciosa Ester, dando aos labios, quasi sem querer, uma ligeira expressão de desdem. — Mas circunstancias que não estão na minha mão evitar, obrigam-me a recusar a sua proposta.

— Que circunstancias são essas, minha senhora? Tem algum inconveniente em dizer-m'as?

— Nenhum. São... as circunstancias em que o senhor se encontra.

\*\*\*

Um marido, informado da infidelidade da mulher, entra em casa furioso.

— Miseravel! — grita. — Sei tudo!

— Sabes tudo, não? — diz-lhe ella, serena.

E com a mesma calma:

— Em que ano foi, então, a guerra da Patuleia?

\*\*\*

Amigo: — Muito me contas. E o desastre foi serio?

Automobilista: — Não! Ficaram so duas pessoas com ambos os braços partidos e uma bastante ferida na cabeça: mas o automovel portou-se como um catita: não apañhou sequer uma beliscadura!...

\*\*\*

Calixto anuncia a um amigo o seu proximo casamento com uma menina da melhor sociedade e riquissima.

O amigo, com espanto:

— Mas isso está decidido?

— E' um casamento já meio feito.

— Como meio feito?

— Já ha o meu consentimento e o de minha familia: só falta o consentimento dela e da familia...

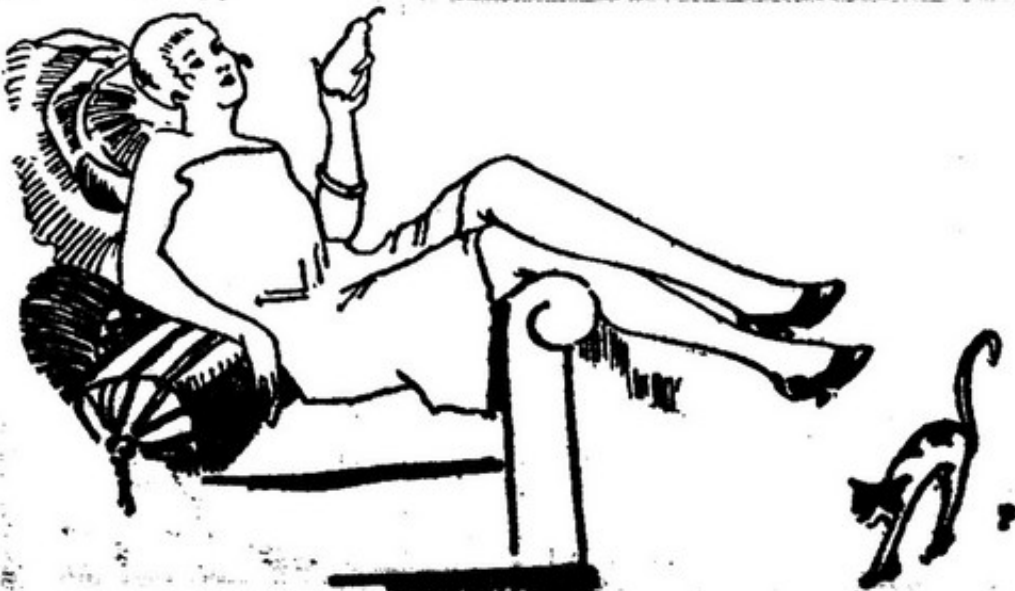
\*\*\*

Um arabe anda perdido no deserto e quasi morto de fome. Ao passar, porém, junto de um poço, viu no chão uma saquinha de coiro.

— Alah seja bemdito! — disse elle cheio de esperança, imaginando que o saquinho contivesse algo de comer.

Quando verificou do conteúdo, exclamou dolorosamente:

— Desgraçado que eu sou! Julguei que eram ao menos avélas e, afinal, são perolas e moedas de ouro...



— Uma perna que se parece com muitos homens. Beizta e fresca por fóra. Por dentro chela de bicho...



— Tras tambem um bombom para mim...

— Sim... mas se a mamã é notar, depois não sou só eu a «comer»...



# BOM HUMOR

O freguês, esjoiteado: — Que vem a ser isto? Eu pedi meio bife e um ovo estrelado. O ovo está aqui; mas o bife não o vejo!

O criado: — Pois está lá. Faça favor de o procurar debaixo do ovo.

\*\*\*

— Então o senhor é pobre?  
— Infelizmente assim é.  
— Nesse caso, o que precisa é casar com uma mulher modesta e económica.

— Muito ao contrario, minha senhora. Neste caso, o que preciso é casar com uma mulher rica e generosa.

\*\*\*

O marido: — Não percebo porque te afliges quando me vês entrar em casa, de cara alegre!

A mulher (chorando): — E' porque já sei que isso quer dizer que aconteceu alguma coisa desagradavel á mamã!

\*\*\*

Ela: — Diz ele que sua mulher e ele são um.

Ele: — Admira-me como ele tambem se conta.

\*\*\*

Senhora e marido passeando. Aproxima-se deles um mendigo.

— Minha linda senhora, uma esmolina a este ceguinho!

A senhora para o marido: — Eu dava-lhe esmola, mas não sei se ele será realmente cego.

Ele não disse «minha linda senhora»? E' cego; podes dar-lhe a esmola.

\*\*\*

— O que é um agnostico? — perguntou o pequeno Jaime.

— Um agnostico, — respondeu-lhe o tio Silverio, — é um homem que afirma alto não saber nada e que insulta quem o acredita.

\*\*\*

— Mãe, não posso ir á escola. Tenho uma dôr!

— Onde meu filho?

— Na aula...

\*\*\*

A cartomante: — Quere saber o futuro do seu marido?

A cliente: — Não! Quero saber o futuro do que tenho agora...

## Entre amigos

— Onde comes agora?  
— No «Castel dos Mouros», no Pareus Mayer, porque a comidã é feita pelo José Felício.

# DESSPORTOS

## As curiosas consequencias do "Portugal-Italia"

Extraordinarias coisas se têm escrito sobre o Portugal-Italia. E tambem extraordinarias coisas têm sucedido como consequencia da tremenda derrota. Mas vamos por partes.

A' primeira vista parece que os conhecidos dirigentes-jornalistas-viajantes deviam estar treinadissimos no desporto de justificar os nossos repetidos exitos além-fronteiras. Mas, ou por natural cansaço, ou porque se convenceram de que o publico é ingenuo como uma pomoinha: — os artigos sobre o Portugal-Italia accusam um baixo nivel de convicção.

Desta vez tocou-se a aria da lama.

Mas no penultimo desafio internacional, tambem perdido por cinco «goals» de diferença, não choveu. No Stadium da Exposição não havia lama. Ah! E' verdade! Agora nos lembramos de que em Sevilha se perdeu... por causa do sol...

\*\*\*

E' claro que não podia deixar de ser tambem trauteada a aria da falta dos profissionais.

O Ribeiro dos Reis, que é partidario da lama, discorda em absoluto da falta. Afirma que os «goals» eram imparáveis, que o Tomado fez o que pode e que o Faustino foi quasi um heroi. Deve ser verdade.

De resto, no penultimo desafio internacional, tambem perdido por cinco «goals» de diferença, jogaram os profissionais todos.

Sabem que mais? Vao-se despir!

\*\*\*

Os leitores sabem já que uma das extraordinarias consequencias da derrota de Milão foi, a de tornar amadores os profissionais da viagem ao Brasil.

Era a unica coisa que faltava ver no desporto nacional.

Os rapazes vão mandar fazer originaes cartões de visita: — Fulano, ex-amador, ex-profissional e re-amador.

\*\*\*

O Candido de Oliveira resalvou que se consultasse a FIFA. Mas enquanto a Federação Internacional se não pronuncia — que e como quem diz: enquanto o pau vai e vem — vão jogando todos misturados, ex-amadores e ex-profissionais, para não perderem o costume...

Pergunta-se: — A consulta á FIFA será acompanhada por aqueles elucidativos documentos cujas zingografias o Sport de Lisboa publicou e pelo relatório do antigo vicepresidente do Vitoria?

\*\*\*

E enquanto na alta Federação se passam estas e outras complicadas coisas — na Associação de Lisboa, a eleição dos corpos gerentes fez-se a forceps.

O presidente da Assembleia Geral chegou a ameaçar:

— «Se isto continua a correr assim, vêr-me-hei obrigado a convocar a Assembleia para dissolução da A. F. L.»

Dizia um dos assistentes: — «O presidente, como é engenheiro de submarinos, quer por força levar isto para o fundo.»

\*\*\*

E sobre o Portugal-Italia, a ultima piada boa e a da rábula do actor Salvador Costa no Tremoço Saloio.

E' assim mesmo. Passamos os matches a dominar, a avançar, a descer, a estender, a atacar, a rematar... e zis! — mais um goal contra Portugal!

**Rebola-A-Bola.**

## Cantai! Cantai! Haparigas!

No vida dum «half-back»  
Ha sempre um «casi» que passa  
E como leaste em enoque,  
Fizeste a nossa desgraça.

Um «keeper» é causador  
De ruins «goals» metidos,  
Mas não ha tanto rumor  
Por muitos que são perdidos.

Dizem aos «backs» os pontas:  
— «Não me faças tanta asneira»,  
Mas todos, no fim de contas,  
«Shootam» da mesma maneira.

Rebola a bola no jogo  
Desde tempos muito antigos.  
Rebolai, pinhas de fogo,  
Que já não ha mais castigo!

Falem até que se fartem  
Nessa Travessa da Gloria.  
Se até os vidros se partem  
Para ouvir tão grande historia.

**Zé Maria.**

# UMA APOSTA

Esta anecdotia será velha, muito velha, mas para mim é nova e vou contá-la.

Os galegos, os que nos fazem fretes e impingem porcarias nos restaurants, não vão magoar-se, saibam embora que certas verdades se não dizem.

Mas vamos á historia, que é o principal:

Um inglês, muito louro e resado, um português muito moreno e um galego muito... galego encontraram-se um dia no terreno das apostas.

Mil e uma coisas se propuzeram e o caso é que nenhuma das apostas lhes agradou.

Foram andando, andando, até que, entrando na propriedade dum pobre lavrador, notaram um bode metido no seu chiqueiro (o termo não será bem este, mas é o mais proprio).

E resolveram apostar, depois de grande discussão, que ganharia a importancia X aquele que por mais tempo se conservasse junto do bode.

Assim, deitadas as sortes coube ao inglês entrar em primeiro lugar para a companhia do bode. Entrou. Mas... ainda não eram volvidos três minutos já á porta, que o português e o galego haviam fechado, batia o britânico furiosamente... por não poder suportar o mau halito do bode.

Coube então a vez ao português valente. Passou um minuto. Passaram dois. Três. Quatro. Cinco. E só então se ouviu bater á porta porque o luso, embora mais resistente que o britânico, não tinha coragem para se conservar mais tempo junto do bode.

Entrou então para a casa do bode o sr. galego.

Decorreram dez minutos. Quinze. Vinte. Meia hora. Quarenta minutos.

E já o inglês e o português se apoquentavam com o caso, quando sentiram umas pancadas fortes na porta.

Abriam.  
... Era o bode que, não podendo suportar o cheiro do galego, fugia esparroido...

\*\*\*\*\*

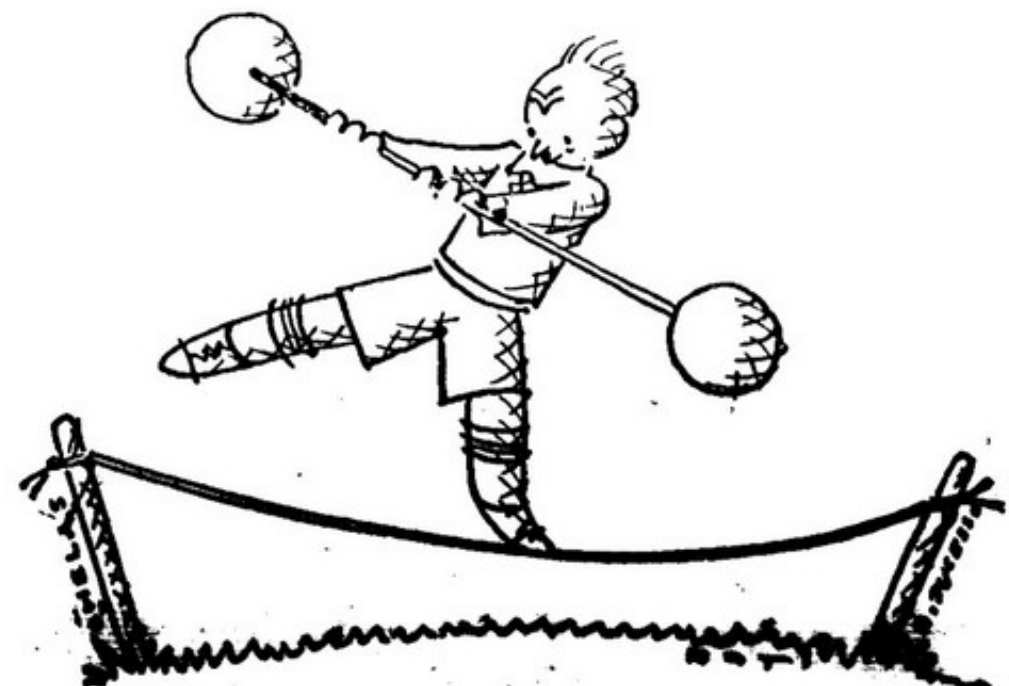
## LOUCURA



— Este quadro que vendi a um americano por 300 contos representa a loucura...  
— A loucura dum americano, já sei.

**BERT AND IRMA'S**  
PHOTOGRAPHERS  
TR. T. 35  
L. A. COMPANY

## PODES CAIR...



**O' AZES... cuidado com os equilibrios na corda bamba.**

# ECOS DA SEMANA

SE VILAR É FORMOSO NÃO SEI... A ESTAÇÃO É QUE NÃO É NADA FORMOSA...  
ABAIXO ESTA VERGONHA!!  
ABAIXO A CASA DE CÃO!!

DEU À "CÔTE DU SUMMEIL" UMA PSEUDO BALEIA AINDA COM ALGUMA AZEITONA.



OS PRIMEIROS PEDINTES  
E ONDE APARECEM



A DEITAR POR FÓ-  
LA FOI O'NIASSA"  
QUE NO EQUADO  
CONCERTEZA ASSA  
(INFLUENCIA DRAZILEIRA)



QUE PENA O ALVARO DE ANDRADE  
NÃO TER TRADUZIDO TODOS OS  
PERSONAGENS DA PRIMEIRA NOITE,  
ASSIM...



APANHOU UM JUBILEU DE 150  
ANOS A D. ACADEMIA QUE É UMA  
MACRÓBIA CHEIA DE MICROBIOS..  
ESTA A PEDIR PROTECÇÃO

AFIM DE SABER SE O SANGUE  
RUSSO É VENENOSO, FOIA BORDO  
DO "KARL MARX" O DR. CLAUDIO QUE  
FEZ UMA ABUNDANTE COLHEITA  
DESSE LIQUIDO.



HOUE UM BAQUE GERAL NO  
TIVOLI QUANDO "BACKHAUS"  
FRE DO PIANO UM RETENHA  
DESCONHECIDO ALGUNS MEMBROS  
DO CONSERVATORIO VÃO DESISTIR...